

*E no teu glauco olhar majestoso e severo,
Docemente se grava um claro reverbero
Dos campos o silêncio augustamente verde.”*

Antônio Furtado

Comove-nos vê-los, aos bois, atrelados em juntas de dois a dois, ao carro-de-bois, veículo que tem sido, igualmente, objeto de pesquisas várias e sérias e teor para versos inspirados. José Bernardino de Sousa, historiador e intelectual baiano, deixou volumoso e substancioso tratado sobre o carro-de-bois, com o título *Ciclo do Carro de Bois no Brasil* (São Paulo, Companhia Editora Nacional, ed. aumentada, 1958, 557 páginas), de leitura imperiosa: erudito e completo.

“CARRO-DE-BOIS

*Rodam, tardas, gemendo, as rodas arrastando
os pesados pranchões de pau-d’arco. Angustiado,
ora altivo e roufenho, ora moroso e brando,
todo o carro-de-bois é um soluço abafado...*

*A hora viúva e glacial do crepúsculo, quando
o sol desce, o seu canto é tão doce e magoado
que ora nos prende à terra, ora nos vai levando
na asa de oiro de um sonho a um longínquo passado...*

*Choram, tristes, à frente, os bois mortos de sono...
Há uma vaga tristeza, uma ansiedade em tudo
e a paisagem dir-se-á um por de sol, no outono...*

*Ó! Natureza-Mãe! sei quanto sofres, pois
vejo, ansioso, rolar o teu pranto mudo
pelos bons olhos melancólicos dos bois...”*

Otacílio de Azevedo

“O carro-de-bois compõe-se de duas partes principais: a mesa e o conjunto das rodas. A *mesa*, geralmente retangular, medindo comumente 6x14 palmos, constitui-se de tábuas ao comprido, presas por baixo, umas às outras, por traves denominadas *cadeias*. Uma destas tem o nome especial de *arreia*. As tábuas laterais da mesa, mais fortes, são as *chedas*, onde horizontalmente se embutem as cadeias e verticalmente se colocam os *fueiros*, hastes de madeira que amparam a carga. A mesa é superposta a uma grande trave, ordinariamente de 26 palmos de comprimento, que avança além do lastro 12 palmos: é o *cabeçalho*, em cuja ponta há um orifício em que se engata uma cunha ou *chavelha*, suporte do relho ou cabo (*tira-deira*) com que se liga ao mesmo cabeçalho o primeiro *cambão*. No *cabeçalho* e em cada *cambão* se ajusta uma junta de bois, presos entre si pela canga e pelas correias que se enfiam nos chifres internos. A junta atrelada ao cabeçalho chama-se *junta de pé do carro* e tem como função especial equilibrar o veículo, na marcha. A imediata é a *junta do cambão*, a que faz mais força na tração. As outras, que variam em número conforme o peso a carregar, não têm designação específica, a não ser a da frente, que se denomina *junta da guia*. O conjunto das rodas é composto do *eixo* e das *rodas*. O eixo é móvel, acunhado às rodas, e todo o conjunto gira quando o carro em marcha. A madeira do eixo é oitavada, mas se arredonda cilíndricamente na parte em que recebe as chedas da mesa, que se monta segurada por duas hastes de pau: os *cocões*. Estas partes cilíndricas são conhecidas por *impurgueiras*, sobre as quais se ajustam duas pequenas almofadas, que são os *calços*. As pontas do eixo se engastam nas rodas atravessando-as e presas pelo lado de fora por um contra-pino ou *chavelha*. Cada roda é a resultante das diversas peças: os *sachos*, em forma de arco, cuja corda se une a uma prancha denominada *peça*; as peças se unem a uma prancha central mais sólida ou *meião*. No centro do *meião* é que se embute a cabeça do eixo. Sacho, peça e *meião*, de cada lado da roda, são emechados entre si por duas *cadeias*. As cadeias que

justam o sacho com a peça tem o nome de *arrelotes* e são em número de quatro. As madeiras mais usadas na construção de carros de bois são a aroeira, o pau-d'arco, a carnaúba, o angico. Os carros dos tempos atuais têm a circunferência das rodas protegida por uma cinta de ferro, o que os antigos não tinham” (Raimundo Girão, *História Econômica do Ceará*, Monografia nº 12, da Coleção Instituto do Ceará, Fortaleza, Editora Instituto do Ceará, 1947, p. 335).

A mansidão do boi de trabalho contrasta com a valentia e impetuosidade dos touros das touradas de Espanha e Portugal, a que tivemos oportunidade de assistir; ou a dos barbatões bravios das caatingas sertanejas. Estes, entre nós, dão motivo a abundante literatura de cordel e motivam desafios e cantigas de nossos cantadores, em louvações que às vezes se tornam afamadas e repetidas, como o caso do “Boi Epitácio”, o “Boi Vítor”, o “Boi Pintadinho” e o “Rabicho da Geralda”. A pega, perigosa e difícil, de barbatões tornaram célebres, identicamente, alguns vaqueiros mais corajosos. Muito amadas pelos homens do sertão, transformaram-se em vaquejadas, hoje de feição mais esportiva e fato de muita animação turística: as de Morada Nova, de Aracati-Açu, de Santa Quitéria e outras no Ceará, realizam-se anualmente sempre com a maior vibração dos assistentes. Leia-se, sem falta nem demora, *A Vaquejada Nordestina e sua Origem*, de Câmara Cascudo, Recife, Instituto Joaquim Nabuco, 1969. Afinal, é este quadrúpede ruminante animal que a história e a paleontologia vão encontrar entre os povos ou gentes recuadas, na maior parte dos casos configurando em tótems ou divindades, parecendo ter começado a sua domesticação na Ásia Central e na Índia. Mais tarde, os egípcios o santificaram, na forma do boi Ápis. Como objeto de sacrifício religioso morria entre diversos povos antigos. Na Índia, as vacas são sagradas, desde tempos remotos: antes morrer de fome que matar uma delas. A vaca, todo mundo sabe, é a fêmea do boi; o leite de vaca é o grande alimento das raças humanas. Não esquecer que o Ceará teve o seu *boi santo* — o do

Padre Cícero (Romão Batista), de Juazeiro do Norte, objeto de ignara devoção por parte de fanáticos ou *romeiros domirrados* misticamente por *Meu Padim*.

BODE — "...; em outra ocasião era o bode em que ele montava, e lá se iam pelos precipícios e desfiladeiros a divertir-se dos sustos da Justa." *O Sertanejo*, 292.

O macho da cabra. A palavra vem do franco *buk*, que no francês deu *bouc* e no espanhol *bode*. Mamífero artiodáctilo, ruminante, cavicórneo. Animal irrequieto, prefere viver em terras pedregosas, a saltar duma pedra para outra. Inteligente e curioso, dócil e geralmente se torna manso e obediente. Voraz, que não escolhe o que comer; não é carnívoro. A pele é fina e muito comercial, prestando-se a variadas indústrias do couro. Na maior parte das raças caprinas o animal expele mau cheiro (catinga de bode) às vezes muito forte. O bode reprodutor principal tem o nome de pai-de-chiqueiro, a bodejar insistente à procura das cabras. Câmara Cascudo, no seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, transcreve versos de Luís Gama, que bem configuram o bode, suas qualidades e ações.

Entra para o fabulário ricamente. Lafontaine celebrou-o com o diálogo *O raposo e o bode*. A fábula da Onça e o Bode corre mundo em versões diferentes: Gustavo Barroso, em *Som da Viola*, Rio, nova edição, 1949, desenvolve uma delas (p. 531). Outrossim, José Carvalho, em *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará*, ed. da Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, 1973, p. 76, onde regista o apólogo *O Carneiro e o Bode*. Encontramos este caprino na mitologia, onde vemos Pã, deus antigo, representado na figura meio homem meio corpo de bode. Para os cristãos, tal figura era produto de inconfessável promiscuidade e entre eles passou o bode a representar o Diabo: era uma forma com que este se mostrava. Isto ficou no espírito crente do homem do interior, para o qual os caprinos são animais ladinos. "O bode tem realmente pautas com o diabo. Confunde-se com ele: é o sujo, o fedorento, o imundo. Nessa condição estará quem pratica outra religião que não a católica. Correm estórias

pelos sertões em que, às noites, ao redor das casas, circulam vultos que forçam as portas e fazem ruídos estranhos, atemorizando os incautos, deixando um fartum nauseante” (Eduardo Campos, *Cantador, Musa e Viola*, Companhia Editora Americana — MEC, 1973, p. 137). Na linguagem popular, “amarrar o bode” é amuar-se, emperrear-se. “Barba de bode” diz-se do indivíduo que usa calvanhaque. “Deus de tê o que deu ao bode: barba, chifre e bigode” é gracejo a quem acaba de espirrar. “Metido a estoque de bode” é o pretensioso, o que quer ser o 30 de fevereiro. “Pintar o bode” é o mesmo que pintar os canecos, pintar o sete, pintar os diabos. Muito conhecida, a expressão “bode expiatório” para designar aquele a que se atribuem culpas numa ação a cuja responsabilidade muitos querem esquivar-se (em francês — *bouc émissaire*). “Estar de bode” é achar-se a mulher no período catamênico. Durante muitos anos, viveu na capital cearense o *bode loiô*, a passear livremente pelas ruas da cidade, sem ser de qualquer forma molestado. Costumava entrar nas padarias e a pedir, com pequenas marraças nos balcões, um pedaço de pão ou bolachas, no que era solicitamente atendido. Ainda hoje, conserva-o, empalhado, o Museu Histórico e Antropológico do Estado.

A fêmea adulta do bode é a cabra, cujo leite, por ser mais forte que o da vaca, era o preferido para a alimentação das crianças sertanejas e das pessoas doentes; daí o apelido de *comadre* que lhe aplicam. Henry Koster, que viajou pelos sertões nordestinos e escreveu *Viagens ao Nordeste do Brasil*, observou esse costume. “A cabra é a vaca do pobre. No agreste, na caatinga, é criada solta, valendo-se de seus admiráveis recursos de adaptação e resistência.” As cabras, que podem viver até 15 anos, dão cria não raro duas vezes por ano e parem geralmente dois filhotes, às vezes três, às vezes quatro, que são chamados cabritos. O cabrito de mais idade denomina-se bodeco ou bodete. Todavia, na crendice popular o haviam como animal malfazejo, com pacto misterioso com o Satanás. Talvez porque os caprinos são inimigos terríveis das plantações, devorando-as quando as alcançam. Nem

os cactos a eles resistem, pois sabem arrebentar os espinhos com os cascos, para devorá-los.

São muito conhecidas, nos sertões e nas cidades, as orações da *cabra-preta* rezadas, alta noite, nas encruzilhadas dos caminhos com o fim de ganhar no jogo-do-bicho ou o de fazer voltar a pessoa que se foi e não tornou.

*“Se a milhar queres ganhar,
na encruzilhada te meta,
à meia noite, a rezar
a oração da cabra-preta.”*

Otacílio de Azevedo

*“Invocação da Cabra-Preta — Cabra Preta milagrosa, que pelo monte subistes, trouxe-me fulano, que de minha mão se sumiu. Fulano (aqui o nome da pessoa que se quer trazer de volta), assim como canta o galo, zurra o burro, toca o sino e berra a cabra, assim tu hás de andar atrás de mim. Cabra Preta milagrosa, assim como Caifás, Satanás, Ferrabrás e o maioral do inferno fazei com que todos se dominem, fazei Fulano se dominar, para que eu o traga feito cordeiro, preso debaixo de meu pé esquerdo. Fulano (aqui o nome da pessoa que se quer trazer de volta), dinheiro na minha mão não há de faltar; com sede nem tu nem eu não havemos de acabar; de tiro e faca nem tu nem eu seremos sacrificados; nossos inimigos não nos hão de enxergar; na luta venceremos, com os poderes da Cabra Preta milagrosa. Fulano, como dois eu te vejo, como três eu te prendo, com Caifás, Satanás e Ferrabrás, venceremos” (Rezar esta com uma faca de ponta na mão e diante de uma vela acesa).” (N. A. Molina, *Antigo Breviário de Rezas e Mandingas*, Editora Espiritualista Ltda., Rio, 1973, p. 24).*

A cabra tem a sua exaltação maior na representação, com o seu nome (*capri*) e figura, no décimo signo do

Zodíaco (Capricórnio), quando o sol entra no solstício do inverno — de 22 de dezembro a 19 de janeiro.

Os caprinos foram introduzidos no Brasil pelos portugueses nos primeiros tempos da colonização. Entre nós, os caprinos e os ovinos formam a chamada criação miúda: *carne de criação* é como se diz, diferente da *carne de gado*, do vacum.

BORBOLETA — “Quando veio a manhã, ainda achou Iracema ali debruçada, qual borboleta que dorme no seio de formoso cacto.” *Iracema*, 88.

Ao lado da candura e meiguice das flores, é por certo na composição da ordem dos Lepdópteros que a natureza mais se esmerou. Na beleza e na quantidade de espécies de borboletas, que orçam em 50 mil, espalhadas por onde haja vida. Reforça-se na forma leve, no multicolorido das asas, na leveza dos vôos ternos, incertos e librantes, na maneira como pousam, unindo as asas em pé. Irineu Filho, poeta cearense de superior sensibilidade, viu-as assim:

“BORBOLETA

*Imponderável, no ar, volateando vai ela
Sob a luz tropical e o asfixiante calor,
Vagabunda e gentil borboleta amarela
De áureas asas de sol, vôo ansioso de amor.*

*Sobre o campo que, a rir, de mil flores se estrela,
Ei-la, de rosa em rosa a lhes provar o odor...
Não que procure o ideal feito a rosa mais bela,
Mas só pelo prazer de voar de flor em flor!...*

*Não repousa um minuto entre a basta verdura.
— Não a podeis deter nessa eterna aventura,
Lirios, cravos, jasmims, malmequeres — sabe!*

*— Borboleta infantil, tu, com o teu desafeto
Nessa inconstância vã, és mais que um vil Inseto,
— És símbolo real das mulheres que amei!...*”

A cabeça é móvel, hipógnata, com olhos compostos bem desenvolvidos, às vezes com ocelos; antenas alongadas, com artículos, de formato e número variáveis.

O tórax compõe-se do mesotórax, metatórax e protórax, este último apresentando duas expansões aliformes. As asas, em número de quatro, ligam-se, lateralmente, à parte superior do tórax, sendo as duas superiores mais desenvolvidas do que as inferiores, as quais em certos casos podem não existir por se terem atrofiado. As borboletas diurnas colocam as asas em posição vertical, quando em repouso, ao passo que as noturnas ou crepusculares as dispõem pendentes ou abertas. As patas são geralmente iguais. O abdome é de formato diversificado, esférico, hemisférico, fusiforme, ovóide etc. O ovo também varia de forma e a larva, eruciforme em geral, tem o corpo alongado e cilíndrico, com a cabeça mais ou menos convexa. A crisálida geralmente imóvel ou dotada de movimento mínimos e de aspecto uniforme, curta, grossa e de coloração escura ou desbotada, sendo às vezes colorida (*Enciclopédia Brasileira Mérito*).

Não obstante essas qualidades de verdadeiro ornamento dos prados, tão cambiantes nas cores e nos tipos, esvoejando desinquietas e sem destino, para lá e para cá, fazendo importante papel na polinização de muitos vegetais, as borboletas não são bem vistas por muitos povos ou pessoas supersticiosas, vendo nelas prenúncio agourentos. Câmara Cascudo resume que "significa para o povo uma mensageira, presagiando coisas más. A borboleta negra o é em Portugal, Espanha e Itália. (Os capítulos XXX e XXXI das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis são singulares: a borboleta preta esconjurada). Na França é a alma do morto em penitência; na Rússia, vale qual aviso de um infortúnio, e na China, de morte. Para os antigos egípcios, o espírito abandonava o corpo em forma de borboleta. E assim por diante" (*Dicionário do Folclore Brasileiro*, verbete Borboleta). Além de sua utilidade de polinizadora, e do encanto que nos traz aos olhos a sua presença, as borboletas dão aso ao homem para a delicada indústria do

aproveitamento de suas asas, com elas fazendo artísticos artefatos: cinzeiros, bandejas, pires e coisas semelhantes.

BUGIO — “Isto é para bugios ou caboclos que tanto vale, pois são da mesma raça. No chão era outra coisa, rapaz.” *O Sertanejo*, 84.

Está aqui o termo como sinônimo de macaco, e tem origem etimológica como gentílico de Bugia, cidade da Argélia, da qual provinha o animal: assim explicam alguns filólogos, citados por Antenor Nascentes no seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, verbete Bugio. Ver **MACACO**.

CACHORRINHOS — “Na espessura do bosque estava o leito da irara ausente; os tenros cachorrinhos grunhem enrolando-se uns sobre outros.” *Iracema*, 132.

Cachorrinho diz-se do filho novo da cadela, ou de outros animais, como a onça etc. Ver **IRARA**.

CAITITU — “Vis guerreiros são aqueles que atacam um bando como os caititus.” *Iracema*, 82.

“— Ainda você pergunta? Esteve com os seus companheiros, dele, os caititus. Isto não sabe viver entre gente.” *O Sertanejo*, 316.

Caititu, caetetu ou catetu é palavra do tupi: *taytetu*, de *tay* = tanha ou dente e *titu* = aguçado, ponteagudo, segundo Teodoro Sampaio, *O Tupi na Geografia Nacional*, verbete *Catête*. Animal da família *Taiassuídeos* (*Tayassu tajacu tajacu* Lin.), de porte que atinge 90 cm de comprimento e 30 a 40 cm de altura. Chamado porco-do-mato, diferente do porco doméstico, porque tem as pernas mais delgadas, cauda mais curta e cerdas mais longas e duras. Dispõe, no dorso, de uma glândula que expele forte mau cheiro. Costuma andar aos bandos e quando varam a mata não evitam os obstáculos, quaisquer que sejam. “Não há quem lhes resista a investida furiosa e em massa; a própria onça não se atreve a combatê-los e se as vezes consegue vitimar um porco é porque o pôde surpreender desgarrado da vara” (R. von Ihering, *Dicionário*,

verbete Porco-do-mato). Difere do queixada, que é de porte maior (*Tayassu albirostris albirostris* Tilliger), chegando a 1,10 m de comprimento e apresentando cor branco-cinza com cerdas amareladas perto das pontas e faixa branca de cada lado da boca, que se estende para trás, ao longo das mandíbulas. A sua ferocidade é menor do que a do caititu. Segundo Melquíades Pinto Paiva, *Distribuição e Abundância de Alguns Mamíferos Selvagens do Estado do Ceará*, Revista Ciência e Cultura, Vol. 25, p. 448, o Caititu já rareia no Ceará. “Os poucos indivíduos desta espécie habitam as matas de chapadas, serras e serrotes, bem como a caatinga alta, abrigando-se nas proximidades e coleções d’água”, sendo um pouco mais abundante no sertão central, sertão do sudoeste, sertão do baixo-Jaguaribe, Ibiapaba e Pereiro”. Paulino Nogueira, que escreveu o seu *Vocabulário Indígena* em 1887 (Rev. Instituto do Ceará, vol. 1^o) grafando CAETITU, já o considerava raro na Província e acresce que é raivoso quando selvagem, mas muito domesticável, a ponto de afeiçoar-se à pessoa que o cria. Quanto à etimologia do vocábulo, regista a versão de José de Alencar, que significa, em tupi, caça do mato grande e virgem, de *caa etê* mato grande e *suu* caça, mudando o *s* em *t* por eufonia. Espécie de javali brasileiro, compara o grande escritor. Oferece outras versões, para fixar-se nesta: o que bate os dentes, de *tá i tu* ou *taititu*, lição de Batista Caetano.

CAMARÃO — “. . . e abandonamos ao bárbaro potiguara, comedor de camarão, as areias nuas do mar, com os secos tabuleiros sem água e sem floresta.” *Iracema*, 57, 77, 80.

Há muitas variedades de camarões. Crustáceos da família Penacídeos e Palamonídeos, quando de águas marinhas e água doce, respectivamente.

Entra o camarão com acentuada influência na culinária de todo o mundo. Na língua tupi é *poti* e, porque certas nações de índios o tinham como iguaria predileta, foram cognominados potiguares (de *poti* e *uara* comedor). Alencar em suas *Notas*, p. 57, explica: “Nome que por desprezo davam os inimigos aos potiguaras, que habita-

vam as praias e viviam em grande parte da pesca. Este nome dão alguns escritores aos pitiguaras, porque o receberam de seus inimigos". Esse crustáceo vale como saboroso "tira-gosto". Interessante, sobre camarões, o capítulo 27 (carta 27) do livro *Cartas da Praia*, Rio, Edição Val, de Hélio Galvão.

CAMOROPIM — "Entretanto Poti do alto da rocha, fígava o saboroso camorompim que brincava na pequena baía do Mundaú; e preparava o moquém para a refeição." *Itace-ma*, 101, 127.

Peixe da família Elopídeos (*Tarpon atlanticus* Val.) Atinge o comprimento de 2 metros, tem boa carne e a coloração é prateada, revestindo-se de grandes escamas aproveitadas em efeitos artesanais. Muito conhecido pelo nome de pema. Penetra na foz dos rios acompanhando as marés. Rodolpho von Ihering, no seu *Dicionário dos Animais do Brasil*, descreve-o no verbete *Camarupim*, apresentando outras modalidades do nome: camurupi, canjurupim, cangurupi, camuripim. Cria-se em água doce.

CANCÃ — "Já se ouviam granzinar as maracanãs entre os leques sussurrantes da carnaúba e repercutirem os gritos compassados do cancã, saltando na relva." *O Sertanejo*, 99.

Um passeriforme da família dos Corvídeos (*Cyanocorax cyanopogon* Wied). Espécie de gralha saltitante, de dorso, papo e cabeça pretos e o resto branco. Facilmente se domestica e chega a pronunciar algumas palavras. Se andam em bando e vêem uma cobra, cercam-na com nervoso alarido que facilmente a denuncia, e geralmente conseguem matá-la. Se em casa, manso, torna-se útil na perseguição de baratas e insetos. Também recebe o nome de cancã um falconídeo (*Hypomorphus urubutinga urubutinga* Gmelin), da família Accipitrídae. De plumagem negra, tendo branca a ponta da cauda, cuja base é atravessada por uma listra de cor branca. A palavra é onomatopéica, dadas as notas de sua voz repetindo o som *cã*. Variantes: canção e quém-quém. Na medicina de

em casa usa-se o canção para a cura da asma, bastando pegar um e, vivo, parti-lo ao meio num golpe rápido, enterrando-se uma das partes, a que fica com a cabeça, e colocando a outra aposta no pescoço do doente, coberta com uma folha da carrapateira (rícino) durante 24 horas. Para fazer desaparecer a mesma enfermidade, também, é tido como eficiente alimentar esse pássaro com as sobras das refeições (Ver Jósia Magalhães, *Medicina Folclórica*, Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1966, pgs. 139 e 141).

CANINANA — “O pagé desenvolvera a alta e magra estatura como a caninana assanhada, que se enrasta sobre a cauda para afrontar a vítima em face.” *Iracema*, 74.

Citando Batista Caetano, Paulino Nogueira (*Vocabulário Indígena*, verbete Caninana) aceita ser o nome corrutela de *macaininá* a que briga em pé, ou que tem a cabeça em pé ou alerta *iná*. Réptil da família Colubrídeos, correspondendo à espécie *Spilotes pullatus* Lin. Cor parda de tom amarelado, com desenhos azuis transversais. “Dos olhos, parte uma faixa denegrida que se estende pelo pescoço. É agil tanto no chão como na ramagem das árvores, onde busca ovos nos ninhos e em certas ocasiões também apanha passarinho. Pega e devora também roedores até do tamanho de preás. Apesar de ser cobra inofensiva, por não ter veneno, o povo a teme. De fato é agressiva, mas claro está que não voa, nem pode ficar em pé na ponta da cauda, como a credice dos mais medrosos o imagina” (Tópico de Rodolpho von Ihering no seu *Dicionário dos Animais do Brasil*).

CANINDÉ — “...travou do penacho de pluma de canindé que o chefe trazia à cabeça pregado com resina de almécega e puxou-o para diante.” *O Sertanejo*, 309.

O termo é corrutela do tupi *caa ndé* anegrado, retinto, tismado, nome duma espécie de arara (*Ara ararauna* Lin.); altera-se em calindé, canendé, caniné, qual explica Teodoro Sampaio — *Tupi na Geografia Nacional*. Neste mesmo livro, p. 124, entre as aves selvagens domestica-

das pelos índios, formando o *mimbaba*, inclui o canindé. Há outra explicação: caa mato *ndé* teu = teu mato, menos aceitável. A cor é azul celeste com tons vermelhos, cabeça verde claro e a região ventral amarelo; bico negro, pés cinzentos. Paulino Nogueira (*Vocabulário Indígena*) citando Ferdinand Dinis, escreve que “não há coisa mais vistosa que o jequitibá carregado de sua folhagem abundante e pitoresca servindo de asilo aos canindés, que parecem flores dessa gigantesca árvore; se estas aves ouvem algum ruído desusado, de repente abrem suas grandes asas de púrpura, e volteiam junto de seus ninhos, fazendo vibrar na solidão o seu grito; e então, se os raios do sol suas penas reverberam, fazem como um esplendor de púrpura e azul a este rei das florestas”. É nome de um Município do Ceará, cujo padroeiro é São Francisco de Assis, com a sua basílica sempre cheia de fiéis vindos dos mais distantes lugares deste Estado e de outros pontos brasileiros. São famosas as romarias de outubro àquele milagroso lugar.

CÃO — “O cão felpudo, deitado no borralho, deu sinal de aproximar-se gente.” *Iracema*, 81.

“Seu coração não deixou que voltasse para chamar os guerreiros de sua taba, mas despediu o cão fiel ao grande Jacaúna.” *Iracema*, 85, 97, 98, 98, 134, 134, 137.

O Sertanejo, 36, 110, 112, 168, 169, 183, 184, 212, 371, 372.

Do gênero *Canis*, família dos Canídeos, vive o cão em todas as partes do mundo e tem sido e é companheiro inseparável do homem, desde o tempo das cavernas; o primeiro animal a ser por ele domesticado, talvez, empenhando-o na caça e na sua defesa e guarda. Conhecem-se pinturas de cães provando que existiam há 7 000 anos, bem como nos túmulos e templos do velho Egito estão gravados cães de diversos feitios. Há deles de vários tipos, cores, jeitos e tamanhos, do colosso ao diminuto pequenez, felpudos ou lisos, esbeltos ou parrudos, orelhudos ou não, de uma cor só ou malhados. Tem lugar como que obrigatório nas casas ricas e nas choupanas

pobres, sempre com a sua qualidade mais acentuada e nobre que é a fidelidade ao dono, cantada em prosa e verso. Guerra Junqueiro dedicou-lhe um dos seus admiráveis poemas. Augusto dos Anjos, o "estranho poeta da Morte", fez

"VERSOS A UM CÃO

*Que força pôde, adstrita a embriões informes,
Tua garganta estúpida arrancar
Do segredo da célula ovular
Para latir nas solidões enormes?!*

*Esta obnóxica inconsciência, em que tu dormes,
Suficientíssima é para provar
A incógnita alma, avoenga e elementar
Dos teus antepassados vermiformes.*

*Cão! — alma de inferior rapsodo errante!
Resigna-a, ampara-a, arrima-a, afaça-a, acode-a
A escala dos latidos ancestrais...*

*E irás assim, pelos séculos, adiante,
Latindo a exquisitíssima prosódia
Da angústia hereditária dos teus pa's!"*

A sua inteligência, o seu faro, as suas aptidões auditivas, a sua rapidez de movimentos, a sua velocidade na carreira, a sua docilidade, tornam-no, ao cão, animal de múltiplas atividades em favor do homem. Tal na paz, como na guerra, aproveitado, às vezes nas mais duras e perigosas missões. Ora são os cães de circo, divertindo o público, ora são os cães de São Bernardo, salvando, com abnegação, vidas perdidas nas neves e no gelo, ora são os policiais para a procura e prisão de criminosos. Nas regiões polares, atrelam-se nos trenós. Servem de guia de cego e pastoreiam rebanhos. A vida do cão vai aos 15 anos, algo mais, porém começa a declinar de força e disposição aos 10 ou 12. Não transpira pela pele e

sim através da língua, que põe para fora no maior calor ou ao menor esforço. Há em relação aos cães, por parte dos homens e notadamente das mulheres, verdadeiro amor doentio, como se fora filho querido. Não são poucos os milionários que ao morrerem deixam para os seus cães somas enormes. São comuns os hospitais para clínica de cães enfermos e cemitérios com epitáfios chorosos para os que morrem, como se foram campos santos humanos. Em todos os lugares se apresentam, nos campos e cidades. Destas, a que mais os abriga é a de Constantinopla. Até nos céus se apresenta, como nas constelações do Cão Maior ou Grande Cão e Cão Menor ou Pequeno Cão. Chamam-lhe usualmente de cachorro, palavra de explicação etimológica duvidosa, e com essa forma vocabular entre de rijo no Folclore. *Cachorro* é um epíteto de pessoa ruim, desleal, insolente, enganadora. *Cachorro-de-preá* — é o que acua ou persegue coisa ou animal que não vê, mentindo, portanto: mente que só cachorro-de-preá. *Cara de cachorro em meio de carga* é a pessoa de feição meio desanimada ou desconfiada. *Cara de cachorro mijando na chuva* — indivíduo encalistrado, em má situação evidente. *Quem não tem cão (ou cachorro) caça com gato, quem não tem penico caga no mato*, diz-se do recurso a um derradeiro meio de obter um desejo ou meta, na falha ou falta de recursos mais positivos. *Vida de cachorro* é a de quem vive miseravelmente ou afanosamente. *Mata-cachorro* é designação pejorativa de soldado policial. *Jasmim de cachorro* nada mais será do que o excremento desse animal, já seco, aplicado em chá no tratamento do sarampo. *Pegado a dente de cachorro* — surpreendido com um convite para uma empresa ou improvisação qualquer. *Tempo em que amarrava cachorro com linguça* — tempos velhos de fartura e abundância.

*“Cachorro que uiva à porta
e ladra num baixo entono,
— aquele buraco importa
na sepultura do dono...”*

“Cachorro uivando, se aquelas
lamúrias calar te induz
— emborca as tuas chinelas
que fiquem no chão em cruz...”

“A fim de que a cadela
não dê cria tal e qual
um dia fez a mãe dela
— é só pesá-la com sal!”

Otaclílio de Azevedo

Mas para os nordestinos o que mais nos emociona e interessa é o cachorro do vaqueiro, do qual Gustavo Barroso, em páginas dignas de qualquer boa antologia, nos oferece retrato firme como se fosse cópia de xerox. “Os cães sertanejos não têm origem certa, nem raça determinada. São a resultante de uma mistura étnica elaborada pelas condições de vida através do tempo, que se não pode explicar. São de todos os tipos e tamanhos, cores, malhas e feitios, pelos sedosos ou arripiados, focinhos curtos ou longos, orelhas caídas ou de pé. Múltiplas e várias são, também, suas aptidões. Uns são exímios farejadores, perseguidores incansáveis das raposas, das feras e astutos *canis brasiliensis e vellutus*; outros, guardas fiéis da casa e do chiqueiro, ajudam a pegar o gado e defendem o cercado das galinhas dos assaltos da raposa, do guaxinim e do gambá. O matuto designa de um modo especial a aptidão dos cães: cachorro bom de gado, bom de caça, bom de raposa. “Ninguém nunca os educou, jamais os ensinaram: fizeram-se por si na selvaticidade dos matagais espessos, ao descampado das várzeas solitárias e tristes”. “O cão sertanejo desconhece o agrado. Nunca lhe fizeram uma carícia. Põem-no fora de casa para que não furete alguma coisa e não encha os quartos de pulgas.” “É humilde, obediente, triste e desconfiado. Sua vida quase selvagem, o descaso com que é tratado, deram-lhe essa feição ao caráter.” “O sertanejo

nejo jamais chamou o cachorro de cão: chama-o sempre cachorro. Cão significa outra coisa: cão é o diabo."

— Alencar, no primeiro texto alude ao *cão felpudo*. No capítulo XVIII a alusão é ao *cão selvagem*, nesta passagem: "Eis late o cão selvagem. O amigo de Martim solta o grito de alegria. O cão de Poti guia os guerreiros de sua taba em socorro seu." Poder-se-ia supor, mas sem nenhuma razão, que o cão felpudo fosse trazido por Martim, um *canis familiaris* porventura vindo na expedição de Pero Coelho. O certo, porém, é que, ao encontrar Iracema, o Guerreiro Branco vinha perdido ("Venho de longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram e hoje têm os meus"). Vinha só, portanto. De modo que o que se aceita, sem dúvida, é a qualidade selvagem do cão felpudo, o cão fiel, já integrado na família do pajé. Que espécie de cão era essa? O cachorro-do-mato, o guará, o guaxinim ou mão pelada? Informa Teodoro Sampaio que os índios já domesticavam todo um mundo de animais, aves, pássaros e até répteis, que viviam em torno das cabanas e chamavam-se *mimbaba*, tais como o macaco, o quati (coati), a irara, o veado, o gato selvagem, mas aí não inclui nenhuma cachorro. O cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous* Lin.), de coloração pardo-escuro, quase negra no dorso, cauda, focinho e garganta, é o cachorro caçador, com o nome de *janarira*, espécie de cauda mais curta. Diferente é o guará (*Canis jubatus*), muito menor, chegando a medir 1,50 m incluindo a cauda, com a altura de 70-80 cm, de pernas finas. Tudo indica, pois, que o cachorro domesticado, o cão fiel, é o cachorro do mato, de natureza arisca e covarde; vale dizer — domesticável. Assemelhados, existem o guaxinim e a raposa, ambos constituindo o pavor dos terreiros e quintais das fazendas do sertão, perseguindo e matando os galináceos ou "bichos de pena" (a *volaille* dos franceses). Teodoro Sampaio grafa o primeiro como guaxinim, corrutela de *guira chini* dando *gua chini* e define: "cão pulador ou saltitante (*Galictis vitata*), vulgo cachorrinho do mato." Antes, registrara o guaraxaim, nome resultante *aguára chai* = cão crespo, espécie de cão

rasteiro (*Canis Azarae*). Rodolpho von Ihering (*Dicionário dos Animais do Brasil*) ainda assinala (verbete *Guaxinino* ou *guacinim*): “Designação indígena ainda hoje frequentemente usada pelo povo como sinônimo de “mão-pelada”. No verbete *Mão-pelada* equipara-o ao *guaxinim* carnívoro da família dos *Procionídeos* (*Procyon cancrivorus* Cuvier), “plantígrado como os ursos e os quatis, de corpo medindo até 65 cm e a cauda 40 cm pelo curto e tenso, arripiado na nuca; a cor é cinzento-amarelado, salpicada de preto etc.”. “É terrível inimigo dos criadores de galinha ou, mais positivamente, apaixonado amigo das aves domésticas, causando assim sérios e contínuos estragos”. O *guaxinim* não é domesticável assim como não é a raposa. (Ver RAPOSA).

CAPIVARA — “. . . já tinham passado aquela parte da montanha, que por ser despida de arvoredo e tosquiada como a capivara, a gente de Tupã chamava de Ibiapina.” *Iracema*, 98. *O Sertanejo*, 372.

Tem o nome, igualmente, a forma *capibara*, do tupi *caapy uara* comedor de capim, o herbívoro (*Hydrochoerus Capyvara*), assim traduz Teodoro Sampaio. Um dos roedores, o maior de todos (*Hydrochoerus hydrochoeris hydrochoeris* Lin.), pois atinge o comprimento de 1 m. É encontrado nos brejos e aguadas cobertas de gramíneas, o seu refúgio quando perseguido. Admirável mergulhador. Tivemos ocasião de ver um casal deles à margem do lago do Parque Dois Irmãos, do Recife, Pernambuco, e, ao aproximarmos-nos, de um pulo caíram água e desapareceram. Já os julgávamos mortos e eis que surgem do outro lado do açude e, num outro pulo, galgam o terreno firme. A cor é parda, uniforme, entre amarelenta e avermelhada. Não tem cauda a capivara; a cabeça é comprida com o focinho arredondado; as orelhas, pequenas para o tamanho do animal. As cerdas são ralas e ásperas. Anda em bandos. Durante o dia, ocultam-se e só à noite costumam pastar. Domesticáveis. O óleo extraído de suas gorduras é tido como medicinal. O couro tem muitas utilidades. Já é espécie quase extinta no Ceará.

CARNEIRO — “Trazia o sertanejo, suspensa à cinta, uma catana larga e curta com bainha do mesmo couro da roupa, e na garupa a maleta de pelego de carneiro, com uma clavina atravessada e um maço de relho.” *O Sertanejo*, 36.

Mamífero ruminante artiodáctilo (*Ovis aries*), geralmente lanudo, corpo forte, pescoço curto, dorso reto, ancas largas. Pode alcançar o comprimento de 1,30 m. É animal dócil, obediente, menos se acossado em grupo, quando por qualquer motivo *arranca* violentamente e por onde passa o primeiro não de passar os outros. Essa docilidade o faz aproveitado para montaria de crianças e para mascote de batalhões de tropa. Também o aproveitam para puxar pequenas cargas. Tal docilidade, chegando à meiguice, o fez, ainda cordeiro, na iconografia católica, símbolo de Cristo: “Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo.” A ovelha, fêmea do carneiro, igualmente figura no simbolismo da Igreja, objeto dos cuidados do Pastor, na apascentação do seu rebanho, que é a Humanidade. O amor que Jesus dedicou à ovelha desgarrada quer significar o seu amor aos homens, querendo que eles não desgarrarem da comunidade cristã. Há muitas raças de carneiro e não é pacífica a explicação de sua origem zoológica. Sobretudo estimado, por outro lado, pela qualidade da carne e pela pele ou couro, muito comerciável e de utilidades variadas. No Ceará a sua presença começa com os primeiros penetradores da região jaguaribana: explorada inicialmente por pernambucanos, baianos e rio-grandenses do norte. O naturalista Silva Feijó (João da Silva Feijó), que no início do século 19 esteve no Ceará, chamado para estudar minas de salitre, deixou interessante *Memória Econômica sobre o Gado Lanígero no Ceará*, publicado na *Revista do Instituto do Ceará*, nº 28, e na qual desenvolve valiosas considerações acerca da espécie ovina, que já àquele tempo prosperava prodigiosamente, mas vivendo como bravios, “quase entregues aos cuidados da Providência, não sendo úteis senão para suprirem com suas carnes uma pequena parte do sustento das famílias.” Lembra o natura-

lista medidas a serem adotadas para o melhor aproveitamento dos rebanhos ovelhum, inclusive a mais racional colheita de sua lã e sua destinação econômica. Informa que a raça das ovelhas na Capitania é de mediana grandeza; ordinariamente são brancas e muito poucas há de cor preta, parda ou malhada, sendo a sua lã “em geral macia, lustrosa, frisada, de bom comprimento e nervosa.” E mais: “maior parte dos carneiros são armados de pontas arqueadas, retorcidas, ou em roscas, e ocas inteiramente, à exceção das ovelhas que não as têm. A carne do carneiro é saborosa: “comer uma ovelha gorda” é um regalo do sertão. A pele é de boa qualidade. Quanto à lã, a natureza agreste do sertão, batido o sol e calor intensos, no carneiro nordestino não pôde transformar-se em melhor riqueza. O ambiente até mesmo favoreceu o desaparecimento da lã em certos tipos de carneiro — os chamados carneiros pelados, matéria de valiosas e sérias observações do Prof. Otávio Domingues. Pensa este que o fenômeno, antes de ser uma degeneração, representa uma favorável adaptação do animal ao meio agreste. “Na verdade a adaptação dos lanígeros, introduzidos no Nordeste pelos colonizadores, operou-se com sensível modificação da espécie, que perdeu sua característica principal, que é a produção da lã. E, a esse fato, o observador superficial ou ignorante, chamou de *degeneração*. Os carneiros nordestinos estão considerados, todos, como animais degenerados. Nunca seria possível tamanha incompreensão. Para poder viver, no clima quente e seco do Nordeste, particularmente no Ceará, o carneiro sofreu essa transformação chocante para o leigo, e que foi a perda de seu revestimento lanoso, impróprio e embargante. Em vez de apreciar-se e louvar-se essa possibilidade genérica do ovino, procura-se lamentar e contrariar essa sua tendência inata, num desrespeito flagrante às leis biológicas.” “O carneiro deslanado do Nordeste seco e quente é uma vitória da espécie sobre a ambiência, que se mostra contrária ao desenvolvimento lanoso dos ovinos. Devemos, pois, aproveitar essa adaptação feliz e preciosa.” “O que se tem a fazer é, por certo, a seleção deste último (o deslanado)

e a eliminação daquele.” Otávio Domingues acrescenta que “a ocorrência dessa forma ovina pode ser observada nos Estados do Nordeste, porém a maior concentração, por mim verificada, foi no Ceará, em Morada Nova. Daí o nome de *Carneiro de Morada Nova*, que atribuí aos carneiros deslanados vermelhos, que ali examinei pela primeira vez, no dia 21 de junho de 1937, na Fazenda Floresta. Posteriormente, fui informado de que essas ovelhas tinham sido, há anos, trazidas de Riacho do Sangue (hoje Jaguaretama), onde devem ser em maior abundância. Infelizmente não me foi possível visitar Riacho do Sangue, em nenhuma das minhas viagens ao Ceará. Desta sorte, a prevalecer a denominação de *Carneiro de Morada Nova*, isto será uma designação lembrando o lugar onde deparei tais carneiros, em número impressionante” (*A Pecuária Cearense e seu Melhoramento*, Rio, Oficinas Gráficas Alba, 1941).

De Augusto dos Anjos é

“A UM CARNEIRO MORTO

*Misericordiosíssimo carneiro
Esquartejado, a maldição de Pio
Décimo caia em teu algoz sombrio
E em todo aquele que for seu herdeiro!*

*Maldito seja o mercador vadio
Que te vender as carnes por dinheiro,
Pois, tua lã aquece o mundo inteiro
E guarda as carnes dos que estão com frio!*

*Quando a faca rangeu no teu pescoço,
Ao monstro que espremeu teu sangue grosso
Teus olhos — fontes de perdão — perdoaram!*

*Ó tu que ao Perdão eu simbolizo,
Se fosses Deus, no Dia de Julzo,
Talvez perdoasses os que te mataram!”*

Na meizinhança, tem fama o sebo de carneiro, principalmente o castrado, no tratamento do reumatismo e inchações várias.

CASCVEL — “Tantas vezes obrigado a pernoitar no meio dos perigos de toda casta, entre as garras da morte que o assaltava sob várias formas, no pulo do jaguar como no bote da cascavel; o sertanejo aprendera essa arte prodigiosa de dormir acordado, quando era preciso.” *O Sertanejo*, 72, 117, 120, 303, 303.

Cobra da família Viperídeos (*Crotalus terrificus terrificus* Laurent), o único representante do gênero *Crotalus* na América do Sul, sendo que a variedade *colirhombeatus* é a que ocorre no Ceará, conhecida com nomes diferentes: cascavel de quatro ventas, cascavel de vereda, cascavel de sabugo. Boicinga (de *mboy* cobra, *cyninga* ressoante, chocalhante — Teodoro Sampaio) é como lhe chamavam os indígenas, e com tal denominação ainda é conhecida atualmente. Isto em virtude de possuir, no término da cauda, e é a única que a possui, uma espécie de guizo, chocalho ou maracá, dispositivo constante de *anéis* móveis, que variam de acordo com a idade da cobra: quanto mais velha, mais anéis. Depois da surucucu, é a mais peçonhenta das cobras existentes no território cearense. Recorremos, como prato já feito, a Fernando de Castro Lima, paciente observador e colecionador de nossas serpentes: “O maior comprimento que nas cascavéis tem sido verificado é de 1,80 m e isto muito raramente. Os machos são mais vigorosos que as fêmeas e atingem maiores comprimentos, sendo também sua cauda grossa e comprida.” “É muito encontrada em todo Estado do Ceará, no sertão e no litoral, naquele mais. Este ofídio nas zonas quentes e secas prefere os campos e capoeiras, não sendo, contudo, difícil encontrá-lo nas grandes matas.” “A cascavel é muito lerda e em aparência mansa. Não é com facilidade que se desloca, sendo o seu caminhar lento e sinuoso, o que torna o seu rastro perfeitamente reconhecido pelos nossos homens do campo. Mas, estando este ofídio irritado, pondo-se em defensiva, isto

é, com o bote preparado — enrodilhada em forma de prato, sua agilidade torna-se inacreditável.” “Quanto à reprodução é ovo-ovípara: deita os filhos já completamente formados, cobertos apenas por uma mui fina membrana translúcida, que se rompe no momento da postura.”

Pode em cada postura deitar mais de 30 exemplares. O veneno da cascavel é violentíssimo de efeitos, acarretando via de regra a morte da vítima se não for tratada em tempo. O envenenamento “é caracterizado por sintomas nervosos, cegueira e paralisia. As hemorragias são raríssimas, segundo Vital Brasil, e quando se apresentam são muito limitadas. Os fenômenos locais são de pouca intensidade, porém, os sintomas gerais são de acentuada gravidade” (Ver *Revista Artemis*, de Fortaleza, nº 2, ps. 11-14). O que, de fato, mais caracteriza esta cobra é o guizo ou maracá, também chamado chocalho, que se situa na ponta da cauda. Com a maior idade do animal este apêndice cai e, então, a cobra se diz cascavel de sabugo. São muitas as opiniões dos cientistas sobre o por que desse dispositivo anatômico. O Folclore enche-se de assuntos com a cascavel, seu medo, seu perigo e também as suas utilizações na Medicina caseira. Se reunido tudo quanto se tem escrito acerca da cascavel, poderíamos ter uma regular biblioteca. Em sua *Medicina Folclórica* (Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1966), Jósia Magalhães traz as indicações dos vários elementos do ofídio (carne, banha, chocalho etc.) para a cura de doenças como asma (p. 137), reumatismo (ps. 150 e 151), lepra (p. 167), dor de ouvido (p. 171), intoxicação ofídica (p. 176), sezões (p. 177), dor de olhos (p. 184). O mesmo autor em trabalho — “A cobra e o Folclore sertanejo” in *Rev. do Instituto do Ceará*, v. 83, p. 117, relaciona algumas das vantagens curativas da cascavel.

CAVALO — “Aí campeia o destemido vaqueiro cearense, que à unha de cavalo acossa o touro indômito do cerrado mais espesso, e o derruba pela cauda, com admirável destreza.” *O Sertanejo*, 27, 29, 29, 30, 33, 34, 34, 35, 35,

36, 36, 43, 43, 49, 53, 58, 59, 64, 70, 82, 90 (campeão), 106, 106, 107, 144, 145, 167, 168, 173, 175, 184 (ruço), 189 (cardão), 196, 199 (ruço), 201, 205, 227, 228, 231, 231, 231, 233, 233, 237 (cardão), 238 (ruço), 239, 239, 240, 240, 240, 241, 242, 242, 242, 248, 254, 258, 260, 260 (baio), 268, 270 (cardão), 271, 272, 272, 274, 275 (baio), 275 (idem), 278, 279 (baio), 279 (idem), 280, 280 (baio), 281, 286, 286, 288, 292, 320, 323, 323, 323, 325, 344, 346, 348, 348, 348 (ruço), 349, 349, 352, 359, 359 (ruço), 360.

Porque não existia entre os indígenas e somente foi introduzido pelos brancos povoadores, o cavalo não aparece no *Iracema*. Ao contrário, em *O Sertanejo* é onde se encontra o maior número de referências, porquanto ele, o boi e o vaqueiro são figuras centrais no contexto do romance. O cavalo (do latim *caballus*) é, com o cão, o animal que mais tem vivido junto ao homem, servindo-o desde os tempos mais remotos. Incontáveis são os tipos desses equídeos, aproveitados para os mais dispares misteres, desde os mais nobres, como montada de reis, príncipes e generais, até o de simples besta de carga, ou como mero produtor de carne para os açougues. Seria inútil, aqui, entrar na descrição das inúmeras raças cavалares, tão conhecidas de todo mundo. O que mais interessa é conhecer, nos seus múltiplos aspectos, o cavalo sertanejo, o cavalo do vaqueiro, o seu grande instrumento no zelo e amanho dos gados. E para isto, não será preciso mais que transpaginar quanto sobre ele escreveu Gustavo Barroso, com tanta justeza e aticidade, em seu *Terra de Sol* (capítulo Os Animais, II): “O cavalo sertanejo é esguio, sóbrio, pequeno, rabo compridíssimo, crinas grandes, capaz de resistir a todas as privações, a todos os serviços e a todos os esforços. É o melhor auxiliar do vaqueiro e ele o estima e trata com o maior carinho.

Quer seja noite, quer seja dia, no piso das reses que “arrancam” ou “espirram” mato a dentro, vara os carrascos cheios de espinhos, as c’roas entretecidas de cipós fortes, as caatingas cerradas, desce o descambar das serotas, rompendo os carcavões de unhas-de-gato, escor-

regando nos seixos lisos, sem hesitações, sem temor e sem cansaço. Não tem ferraduras: o casco acostumou-se ao pedregal e ao espinho, enrijou; a unha é perpendicular, pequena, dura como ferro. A hereditariedade transmite esse caráter da adaptação. Raramente fica estropiado.

A sua raça, como a do cachorro, é incerta, é de difícil determinação. Deve descender de cavalos portugueses cruzados com os árabes de uma leva importada para Pernambuco e quiçá ainda misturados com os dos ciganos, que por ordem da Metrópole, em tempos coloniais, foram povoar o vale do Jaguaribe. Do árabe talvez provenha o seu porte franzino no aspecto, nervoso, e a imensa resistência a todas as intempéries e misérias. Finalmente, nada se pode afirmar sobre o assunto. Daí o constante *talvez* das frases todas.

Para transportes, o sertanejo utiliza os jumentos, por causa de sua grande resistência à seca. O jumento faminto alimenta-se com tudo que encontra, galhos tenros, folhas secas; a sua dentadura tem um modo especial de trincar o cardeiro tirando os espinhos; com a ponta fina do casco escarva a terra e retira as raízes polpudas do capim-gengibre. Mais resistente que os muares, criados pelo sertanejo em pequena escala para a exportação, o jumento pequeno e rijo do Norte trabalha mais, — é incansável. Sua resistência à fome é de tal forma que o sertanejo assim se expressa:

— “Em tempo de calamidade só escapam duas nações de gente: padre sacerdote e jumento.” Esta frase é de muita ironia e, em verdade, o sertanejo explica que o jumento tudo devora e o padre passa bem, cria banhas e recebe presentes das beatas...

Antigamente, a criação de cavalos no vale do Jaguaribe era tão grande que lá estadeavam os corpos de milícia que a Metrópole chamava — Regimentos de Cavalaria Auxiliar (ou Regimentos de Cavalaria do Sertão. Essas tropas, no século XVIII, vestiam-se de couro, como os vaqueiros); restringe-se hoje aos animais necessários ao árduo mourejar das fazendas.

O cavalo do sertão é feioso como um corcel quirguiz. Lá uma ou outra vez aparece um exemplar bonito, esbelto, alto. Não tem saracoteios, nem saltos, nem corcovos, salvo quando espantadiço. O olhar só brilha quando se apresenta ocasião de correr; depois, as pálpebras murcham numa sonolência. É ativo e parece ronceiro; forte e parece fraco; ágil e parece pesado. É pasmosa sua atilidade. Nos imprevistos das furibundas carreiras pelos matos em fora, salta galhos baixos, mergulha sob os altos, alonga-se, encurta-se, pula de lado, faz prodígios. É necessariamente baixo para essas ligeirezas; a aridez do clima não produz outro. É raridade um animal de sete palmos do casco à sernelha. O meio torna-o sóbrio e magro. Passa dias sem comer, quase sem beber. Num dia, faz quinze, vinte léguas, puxando um pouco; dez faz normalmente. É manso; quando o cavaleiro cai, pára ao lado.

O vaqueiro costuma ensinar-lhe andaduras forçadas: um passo trocado e macio, que o não cansa, próprio para viagem — a 'estrada baixa'; mais apressado — a 'estrada alta'; um outro mais ligeiro — a 'meia marcha', subindo em velocidade até à 'marcha' e ao 'esquipado'. Os cavalos de campo, próprios para a 'pega' do gado, ordinariamente só sabem a 'estrada'. Os de viagens e passeios sabem tudo. Nesses passos, o cavaleiro não sente o menor solavanco; o cavalo, porém, cansa muito e pelo abuso vem a sofrer de 'sobre canas' e 'ovas', doenças nos ossos das patas. Deixam-lhes as caudas compridas para se abanarem das moscas, muriçocas, mos quitos, varejeiras, mutucas e merunhanhas, umas que o incomodam, outras que o mordem e sugam. Quando chegam a uma casa, com um brusco puxão de rédeas, param-nos de sopetão, embora venham a galope Chamam a isto 'riscar'.

Conforme a andadura, o cavalo é 'estradeiro', 'estradeirão', 'marchador', 'baralhador', 'esquipador', 'galopeiro' e 'corredor'. O cavalo espantadiço chama-se 'passarinheiro'; o manhoso — 'mocambeiro'; o que ao 'marchar' ergue o colo altivamente — 'faceiro'; o que encosta a cabeça ao peito — 'encapotado'; o que pára, espanta-

do, medroso, sem querer sair do lugar, 'acuador'; o que escoucinha, 'upeador' e 'popeiro'; o que tem uma orelha cortada, 'nambi'; o que tem as duas orelhas caídas, ou uma só caída, 'cabano'; o que não sabe nenhum passo, 'chotão'; o que não tem sinais encobertos, 'cacete'; o que tem um pé dianteiro branco, 'argel'; o que não tem o menor sinal, 'tapado'; o de pelos sedosos, longos, 'gadelhudo'; o que anda de lado, picado de esporas, 'tranqueador'; o gordo, roliço, 'de rego aberto'; tendo a anca comprida, 'anca de porco.'

Pelos dentes conhecem-lhe a idade; pela cor das orelhas, ainda novo, a cor definitiva que tomará; conforme o pelo e os diversos sinais, quer nas partes encobertas, quer no corpo, dizem saber as suas boas ou más qualidades, se nasceu de noite ou de dia; pelos orifícios internos do nariz calculam o seu fôlego.

Ao cavalo baio chamam 'melado' e segundo as graduações e variedades, 'melado de crinas brancas', 'melado de canos pretos', 'melado caxito', 'melado gemado'; o branco — 'ruço pombo'; o branco sujo — 'cardão'; tendo rodela escuras ou patacas — 'cardão rodado'; sendo pintado — 'pedrês', 'cardão pedrês'; com a pele e as ventas róseas — 'gáseo'. Há castanho, preto, rosilho, fouveiro, fouveirão, alazão e alazão-dourado. Quando tem os pés brancos, é 'calçado', 'calçado em cruz'; tendo os quatro até o joelho — 'arregaçado'; sendo eles pretos — 'canos pretos'; com uma mancha pequena, branca, na testa — 'estrela'; estendendo-se a mancha até às ventas — 'frente aberta'; com a parte inferior da cara toda branca — 'bebe em branco'.

As frases com que o matuto determina pela cor as virtudes e defeitos do animal têm um tom de provérbio. 'Cavalo castanho escuro pisa no mole e no duro'. 'Pedrês, para carga Deus o fez'. 'Cardão rodado é o bicho pra sela'. 'Melado de crinas brancas topa'. 'Trazes o freio na mão, onde deixaste teu alazão?'. 'Cavalo cacete não atravessa água'. 'Cavalo argel traz desgraça para si e para o dono'. 'Preto é ruim, mas quando dá pra bom é bom mesmo'. 'Quem monta em bebe-em-branco não

pode dizer quando chega nem quando sai'. A égua comumente chamam 'besta' ou então — 'biscaia', 'brivana', 'tigela'. Ao garanhão chamam 'cavalo de lote'; ao castrado — 'quartau'; ao mal castrado — 'roncolho'.

O cavalo tapado é 'cavalo de Galvão'. Galvão, é um alveitar ou alquilador lendário, que deixou aos sertanejos, sobre sinais de cavalos, a seguinte regra, considerada infalível. 'Um sinal, bom; dois, melhor; três, ruim; quatro, pior; cinco, um brinco; seis, cavalo de rei; sete, quanto mais melhor'.

Do mesmo modo que os cães, os cavalos têm alcunhas interessantes e originais, que exprimem a sua força, robustez, velocidade, enfim as suas virtudes, por exemplo: 'Exalação', 'Pensamento', quando velozes: 'Castanhinho', 'Batata', pela cor do pelo.

Uma vez viajei em um cavalo bonito, elegante e muito resistente. Perguntei ao dono como se chamava. Respondeu-me:

— 'Pincel, seu moço; ele é benfeitinho que nem um pincel'.

Um pincel fora a mais bela cousa que aquele matuto vira ou lhe agradara então ao ouvido o som daquelas duas sílabas...

Nenhum animal é tão afamado como o cavalo árabe, nenhum mais vivo e esperto do que o trotador russo de Orloff, mais educado do que o parselheiro puro-sangue, mais imponente do que o garanhão platino: porém, na humildade de seu aspecto tristonho, o magro cavalo do sertão árido do Norte tem o primeiro lugar na luta terrível e silenciosa contra a sede e a fome, no varejar na carreira, noite e dia, os matagais eriçados de espinhos, armados de estrepes, pisando os seixos lisos, que rolam tinindo até a profundidade das grotas, a galopar à beira das escarpas; — o que jamais fez valente corcel de cossaco em vasta e rasgada estepa da Ucrânia, pingo de gaúcho altaneiro nos pampas desabrigados do Sul..."

A respeito dos sinais de Galvão, o notável filólogo cearense Prof. Martinz de Aguiar, fez seguro e erudito estudo, que se acha na *Revista do Instituto do Ceará*, 1934,

p. 20, o qual deve ser lido. Por sua vez, o poeta Antônio Sales, um dos mais inspirados vates cearenses, o exaltou:

"O CAVALO

*De minha adolescência foste o amigo
Corcel do Norte, válido e ligeiro!
Pelas estradas do sertão, contigo
Vaguei, como um centauro aventureiro.*

*Sem temor de cansaço ou de perigo,
Corríamos... Que verde o mofumbeiro!
E o bamburral, de cachos de ouro antigo,
Enchia os campos de inefável cheiro.*

*Que disparadas loucas! Quantas vezes
Me levaste a correr atrás das rases
Como um guapo e perito campeador!*

*E quantas vezes, sob um sol de brasa,
Me conduziste palpitante à casa
Dessa que foi o meu primeiro amor!"*

Também a musa popular:

*"Já sou velho e tive gosto
Morro quando Deus quiser...
Duas coisas me acompanham:
Cavalo bom e mulher"*

*"Com cavalo e com mulher
Toda vida eu fui unido:
Cavalo bom tive muito,
Por mulher eu sou perdido..."*

*Fui à missa na Pendência
Fui ao sermão na Jubaia;
Cavalo que não esquipa
Na minha mão sempre braia.*

*Quem quiser ser bem querido
das morenas do sertão:
Nas costas de bom cavalo
De guarda-peito e gibão,*

*Chinela de sola e vira,
Espora de rosetão
Chapéu novo na cabeça
Redor da copa um cordão..."*

É de todo conveniente ler o que Câmara Cascudo registra sobre Cavalo, no seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, ps. 196-199.

CERVO — "Eles caminharam par apar, como dois jovens cervos que ao por do sol atravessam a capoeira recolhendo ao aprisco de onde lhes traz a brisa um faro suspeito." *Iracema*, 67, 94, 94. Ver VEADO.

CHECHÊU ou XEXÊU. Ver JAPIM.

COBRA — "Os viajantes dormem aí em Uruburetama. Com o segundo sol chegaram às margens do rio, que nasce na quebrada da serra e desce a planície enroscando-se como uma cobra." *Iracema*, 101, 114. *O Sertanejo*, 117, 117, 120, 126, 356, 356 (cobrinha de cipó).

As cobras ou serpentes constituem a grande aflição, o constante sobressalto do homem rural. Venenosas umas, a mor parte não o são; mas, pagando o justo pelo peccador, a prevenção às cobras é generalizada. Sempre que as encontra, o homem lhes dá combate e morte. São os répteis da ordem dos Ofídios, numerosos em nosso País, onde são conhecidas sete famílias que abrangem cerca de 210 espécies catalogadas. Só o naturalista alemão

Von Neuwied as contou 181. As Viperídeos são as mais temíveis pelo veneno grandemente letal que injetam na vítima ao mordê-la. Também consideradas de grande perigo são as Boídeos, como a jibóia, a cobra-de-veado e a sucuri, de enorme força e tamanho, que matam a quem ataca por meio de arrocho, quebrando-lhe os ossos e sufocando-o. As venenosas distinguem-se das não venenosas por algumas características bem evidentes e já estudadas, sem contudo ser isto verdade absoluta, porque há inúmeras exceções, principalmente quanto às corais. Entre esses traços diferenciais se anotam: a) as venenosas têm, entre os olhos e as fossas nasais um orifício, o chamado buraco lacrimal, ao passo que as outras não o possuem; b) nas venenosas as pupilas são verticais, a cabeça é chata triangular e coberta de escamas pequenas, tendo a cauda curta, quase terminando duma vez; contrário das não venenosas que apresentam referidos traços de modo oposto e o corpo é na parte dorsal coberto de escamas alongadas, pontudas e embricadas dando ao tato a impressão de aspereza; diferente das inócuas, nas quais as escamas são achatadas, dando ao tato a impressão de liso, escorregadio; c) aquelas, se perseguidas, enrodilham-se e ficam na posição de ataque, têm os movimentos lentos, fora o do ataque ou bote, que é rapidíssimo, e de modo geral são de hábitos noturnos; ao invés, estas são de hábitos na maioria diurnos, fogem à perseguição ou simples aproximação do homem ou outro animal maior, e os seus movimentos são de muita ligeireza.

Tem-se como certo que as venenosas são imunes do próprio veneno e do veneno de outras que a mordem; e que esse veneno pode ser engolido sem pior consequência, desde que a pessoa que a engula não tenha ferida na boca e no aparelho digestivo, tendo efeito purgativo. A injeção da peçonha é feita pelo ofídio no ato da mordedura, por meio de duas presas dispostas no seu maxilar superior.

As cobras Viperídaes, de modo geral são ovovíperas, o que significa porem os ovos em estado adiantado de

desenvolvimento, não precisando serem chocados. Aparentemente, já nascem as cobrinhas. Em maior número, são as ovíperas, entre estas a surucucu.

Os ofídios são muito bem e constantemente estudados e no Brasil há o maior serpentário do mundo — o Instituto Butantã, que tivemos ensejo de visitar e admirar, situado no local da antiga fazenda desse nome (Butantã), no bairro de Pinheiros, da Capital paulista, e fundado, em 1897, pelo notável cientista brasileiro, Dr. Vital Brasil, o descobridor do soro antiofídico. A preparação deste soro é rigorosamente cuidada e o antídoto produzido é universalmente solicitado. Mais de três litros de veneno são colhidos, por ano, ali, através de cerca de 15 000 operações extratoras, o que bem mostra quanto é eficiente a entidade. Basta dizer que cada serpente dá, em média, 0,2 cm³ de veneno. “O veneno, no ato da extração, apresenta-se sob a forma de um líquido denso, ligeiramente ácido, ora incolor, ora leitoso, ora de cor mais ou menos amarela, cuja tonalidade pode chegar à de gema de ovo.” Logo após a colheita, deve a peçonha, para evitar a coagulação, ser misturada em partes iguais, à glicerina e filtrada em papel apropriado. O processo de sua extração obedece a técnicas conhecidas e perigosas. Varia conforme a espécie da cobra e quantidade da matéria letal, nem sempre influenciando o tamanho dela, como p. ex. a cascavel, que produz mais veneno quando do tamanho médio do que quando grandemente desenvolvida. O soro ou antídoto pode ser específico, tal o contra a mordida de cascavel (soro anticrotálico), soro antibotrópico (jararacas), soro antilaquéstico para as corais, e polivalente ou anti-ofídico para casos de mordedura não especificada. Fernando de Castro Lima, de Fortaleza, convicto estudioso e colecionador de ofídios (a sua coleção foi doada ao Instituto Butantã, onde se conserva), afirma que no Ceará ocorrem 56 espécies, mas apenas 8 são venenosas: a cascavel (*Crotalus terrificus terrificus* Laurent), a surucucu (*Lachesis muta* Lin.), três espécies de Bothrops: *B. erythromelas* Amaral, jararaca-malha-de-cascavel ou jararaca de seca; *B. neuwiedii* Vagler, jararaca pintada; e *B. atrox*

Lin.) jararaca do rabo fino, e três de *Micrurus* ou corais: *M. corallinus* Wied; *M. lemniscatus*, Lin; e *M. marcoravii*.

Não obstante o terror que infundem, em face da citada generalização pelo povo, considerando-as todas temíveis, as cobras, na história dos tempos, têm sido tratadas de modo benévolo, até adoradas como gênios bons ou sobrenaturais ou como divindades. Afinal, a origem do gênero humano começa com uma delas, haja vista a ingênua versão de que foi às insinuações da serpente que os pais Adão e Eva cometeram o pecado original e foram expulsos do Paraíso, saindo a gerar filhos... Passou a ser a deusa da arte de curar doenças e acabou, enrolada num bastão, como símbolo da Medicina. Para os antigos gregos e fenícios representava a fertilidade, o poder procriador. No suicídio de Cleópatra, fazendo-se picar por uma serpente, esta figura como símbolo da destruição. É, como resume Jósa Magalhães, “o culto supersticioso da cobra fixada na consciência das gerações sucessivas, através dos tempos, pelo prestígio imanente da tradição oral, passou a integrar-se na estrutura do folclore, tomado, entretanto, de novos aspectos imaginativos e fantasiosos.” (“A Cobra e o Folclore Sertanejo” in *Revista do Instituto do Ceará*, v. 83, p. 113). De fato, o homem rural se enche de conceitos e preconceitos em relação à cobra, utilizando-se de elementos seus em mezinhas curadeiras e garrafadas, ou valendo-se das orações, rezas e mandingas mais ridículas. Há mesmo os que se alimentam da carne de cobra como iguaria saborosa e capaz de transformar quem come em pessoa forte e livre de mazelas estranhas. O grande santo da Igreja protetor das pessoas contra as cobras é São Bento, invocado a toda hora:

*“Para a cobra, num momento,
ficar presa a um canto, só
dizer — ordem de São Bento,
e no lenço dar um nó...”*

Otacílio de Azevedo, *Adágios*, 164

*“Onde só o mato sossobra,
e carrascal lamacento,
diz, com medo de cobra:
— Valei-me senhor São Bento...”*

Idem, 163

“São Bento governa as cobras, que lhe obedecem milagrosamente. Diz-se, ao ver uma cobra — ‘esteja presa por ordem de São Bento!’ — e a cobra fica imóvel. Um ensalmo nordestino para atravessar caminho que tem cobras assim reza:

*“São Bento, pão quente
Sacramento do altar
Toda cobra do caminho
Arrede qu’eu quero passar!”*

Câmara Cascudo, *Dicionário*, verbete
Cobras, que deve ser lido.

Os *curadores* de cobra pululam pelos sertões, com as suas abstrusas magias e rezas (Leia-se *O Paroara*, de Rodolfo Teófilo, ed. da Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, Fortaleza, 1974, ps. 76-79).

*‘O pobre com fé, às vezes,
e esperança que redobra
com cuspo de fumo e fezes
cura o veneno de cobra’.*

Otacílio de Azevedo, *Adágios*, 130.

*“Eu compro as banhas da cobra
De fumo dou quarta e meia,
Pra fomentar uma perna
Que me dói na lua cheia”.*

Rodolfo Teófilo, *Lira Rústica*, 13.

O mundo da credence está cheio de alusões à cobra, seus malefícios, os meios de curar as feridas de sua picada, a sua influência misteriosa. Ver BOICININGA, CANINANA, CASCAVEL, JIBÓIA, JARARACA, RÉPTIL, SUCURI.

"POEMA DA COBRA

*Elástica, sinuosa, losangular,
é o réptil, é a cobra
obra "degoutant", nojosa, desprezível
alongando-se no seu próprio asco*

*feminina, artilosa, sorna,
expectante, em lento movimento
move-se ora silente, ora queda-se
em L quase, e lorpa*

*palor nas presas peçonhentas
errante, terráquea e edênica
súcuba nodulosa e nojenta*

*recôndita, réproba, fleugmática,
segmento espúrio, malfadado,
ensimesmada e unilateral."*

Pedro Henrique Saraiva Leão

CONDOR — "Abre-se a imensidade dos mares; e a borrasca enverga, como o condor, as frescas asas sobre o abismo." *Iracema*, 50, 104.

O condor (*Vultur griffus* Lin.) não existe no Brasil. É ave de rapina da cordilheira dos Andes. A invocação ao condor, do texto, vale como termo de comparação.

CORÇA — "Quando o segundo pio da inhuma ressou, Iracema corria na mata, como a corça perseguida pelo caçador." *Iracema*, 71. *O Sertanejo*, 175.

Feminino de corço, tipo de veado europeu e asiático. Empregada a palavra como sinônimo de veado. Ver VEADO.

CORRUPIÃO — “As jaçanãs esvoaçavam por cima das lagoas e pousavam entre os juncos. Os corrupiões brincavam nos galhos da cajazeira; e a industriosa colônia dos sofrês construíam seus ninhos em forma de bolsas penduradas pelos ramos da árvore hospitaleira.” *O Sertanejo*, 206.

Note-se o que está dito no verbete JAPIM, onde há referência à confusão, que faz Alencar, do corrupião com este pássaro. No texto aqui invocado destaca o escritor nítida diferença entre o corrupião brincando no galho da cajazeira e após um ponto-e-vírgula — entre os industriosos sofrês, construtores de ninhos em forma de bolsa. Mas em suas *Notas ao Itacema*, p. 125, afirma, textualmente: “JAPIM — Pássaro cor de ouro e conhecido, vulgarmente, por sofrê”. O sofrê é que é o corrupião. Pertence à família dos Icterídeos, gênero *Icterus*. A espécie mais comum é *Icterus jamaicali* Gmelin. Pequeno, com a média de 20 cm de comprimento, frente negra, bico afiado, olho amarelo de pupila fortemente preta. A plumagem é preta no dorso, com manchas brancas; cauda negra, sendo amarela a barriga, e os tarsos-metatarsos cor de cinza. Domestica-se, vivendo à solta e é muito curioso. Gosta de agradar as pessoas de casa, sendo por isso muito estimado. O seu canto é mavioso; chega a repetir palavras que lhe são ensinadas e imita outros pássaros. Alguns lhe chamam de concriz, rouxinol e sofrê. Ocorrem, ainda, as espécies *Icterus croconatus* Wtager, *Icterus chrysocéphalus* Lin. e *Icterus nigrogularis* Nahn. A etimologia não é definida.

“O CORRUPIÃO

Cantor famoso, de gentil figura
Trajando uma lindíssima roupagem
Vermelha e preta não há voz mais pura
Na mata, nem mais bela personagem.

O seu canto é uma eclética mistura
De transcendente música selvagem
E da mais saltitante partitura
Que já se ouviu num palco de ramagem.

O homem cruel, para gozar-lhe o canto,
Não trepida em prendê-lo na gaiola,
Sentença injusta de um destino cru.

Descora à sombra o seu vermelho manto,
E o desgraçado aprende e cantarola
Pedacos de Caxuxa e do Bitu.” (canções populares)

Antônio Sales

CROCODILO — “Distante da cabana, se elevava a borda do oceano um alto morro de areia: pela semelhança com a cabeça do crocodilo o chamavam os pescadores Jacarecanga.” *Iracema*, 132.

Simples imagem de assemelhação. No Ceará, como no Brasil, não existe o crocodilo. Nem mesmo, aqui, o jacaré, senão o de pequeno porte, já extinto, que vivia nos pântanos, junto ao litoral, como acentua o Senador Pompeu no seu *Ensaio Estatístico da Província do Ceará*, 1863, p. 214.

COLIBRI — “— Teu hóspede fica, virgem dos olhos negros: ele fica para abrir em tuas faces a flor da alegria e para sorver, como o colibri, o mel de teus lábios.” *Iracema*, 66, 79, 109, 114, 115.

BEIJA-FLOR — “O toque de seu corpo, doce como a açucena da mata e macio como o ninho do beija-flor, magoou seu coração, porque lhe recordou as palavras terríveis do Pajé.” *Iracema*, 85. *O Sertanejo*, 99, 206.

Colibri e beija-flor são a mesma coisa, talvez o mais delicado dos passarinhos, de aspecto gracioso e vibrante esvoejar. Está na família dos Troquilídeos, a que pertencem 319 espécies, das quais 105 no Brasil. No máximo 20 cm de comprimento e, no mínimo, 6 cm. Encantador é

vê-lo de flor em flor, demorando no ar, a sugar-lhes o néctar do pólen. “O colorido da plumagem é iridente por efeito da refração da luz — assim o descreve Eurico Santos. Um exame atento da pena desta ave revela que ela é composta de muitos filamentos, assás finos, os quais, examinados ao microscópio, se mostram ainda subdivididos em fragmentos mais finos. Nas brilhantes penas do beija-flor há uma infinidade de pigmentos escuros, escreve Witmore, nas divisões conhecidas por bárbulas. A capa que cobre esses pigmentos, ou é muito lisa e finamente polida, ou tem diminutas linhas dentro e debaixo de sua superfície. Sua estrutura provoca reflexão ou refração de luz, conforme o caso, de onde provém o brilhante colorido destas aves. As cores variam conforme o ângulo de luz, mudando de intensidade e de cor conforme a posição tomada pela ave. Convém notar que os indivíduos ainda jovens têm traço que convém a infância; só quando já adultos, lá para o segundo ano de vida, é que ostentam a sua *toilete* de eterna gala.” O bico é fino, pontagudo e cilíndrico, pés pequenos, língua comprida que prepostrai facilmente. O ninho é geralmente tecido de algodão ou fibras assim macias, bem como de palhas leves, o que justifica a referência de Alencar no último texto. O nome colibri é originário do caribe *Kolibris* e a Portugal veio por intermédio do francês *colibri*, língua em que popularmente o beija-flor é chamado *oiseau mouche*, pássaro mosca.

“OS BEIJA-FLORES

*Dizem que os colibris são beija-flores
Que as flores beijam cariciosamente!
Aqui os vejo, nesta árvore frondente,
A mais flor da desses arredores.*

*Fingem que beijam mas, enganadores,
Nesse adejar sutil e permanente
Furtam-lhe, sábla e cautelosamente,
O néctar, como a luz lhe furta as cores.*

A falarmos, dirlamos: é triste
A vida de quem vive porque existe,
Mas as flores diriam, se falassem:

Inda estamos a ver, sem que outros vissem
Lábios que ao beijar não se iludissem,
Nem olhos que de ver não se enganassem."

Quintino Cunha

O que Câmara Cascudo comenta em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro* deve ser lido, para melhor notícia da interferência do beija-flor no fabulário americano, com suas complicações religiosas e sobrenaturais. Para os indígenas, era mensageiro do outro mundo.

CUPIM — "Poti amparou o irmão na grande dor. Martim sentiu quanto um amigo verdadeiro é precioso na desventura: é como outeiro que abriga do vendaval o tronco forte e robusto do ubiratã, quando o cupim lhe broca o âmago." *Iracema*, 136, 309.

Inseto da ordem dos Isópteros, família Termitídeos, destruidor de difícil exterminação. Ataca e corrói móveis, madeiramentos, roupas, livros, num trabalho silencioso e persistente. Os cupins — como acentua Rodolfo von Ihering — são insetos sociáveis, isto é, além dos indivíduos dos dois sexos, há castas de assexuados, os quais, conforme o ofício a que são designados, têm o organismo adaptado a tal fim." Seus ninhos, característicos para cada espécie, têm a parte central feita de madeira mastigada, verdadeiro *papier maché*, e por fora são protegidos por um envólucro de barro amassado com saliva, às vezes com a resistência de tijolo. São enormes, às vezes medindo até 4 m de altura. Paulino Nogueira (*Vocabulário Indígena*) cita a versão etimológica da palavra cupim aceita por Alencar, segundo a qual ela vem de *co* buraco e *pim* ferrão (*Iracema*, *Notas*), mas prefere a de Batista Caetano: *copl*, de *co* ou *caa* roça ou pau e *pir* picar, cor-

tar. A credence popular convence-se de que “casa que tem cupim é mau agouro”: é sinal de que o dono vai morrer.

CUTIA — “Martim seguiu silencioso a virgem, que fugia entre as árvores como a selvagem cutia.” *Iracema*, 93.

Pequeno roedor (*Dasyprocta aguti aguti* Lin.) da família dos Dasiproctídeos. Não pesa mais de 3 ou 4 kg, tem cabeça alongada, focinho peludo, molares sulcados e incisivos delgados e vermelhos. Orelhas muito curtas, as pernas com 4 dedos maiores que as mãos, com 3, o que lhe fornece especial jeito para o salto. Pés compridos com dedos de unhas arqueadas. Praticamente não tem cauda. De hábitos quase noturnos, passando os dias em buracos, ocos de pau e lascas de pedra. Frutívoro, em geral oculta os alimentos. Reproduz-se facilmente. Há sete espécies no Brasil, muito apreciadas como caça de boa carne. O nome vem do tupi *acu ti*.

DRAGÃO — “Reparou ela que a Virgem da capela pisava a cabeça de um dragão, em cuja figura a tradição católica simboliza o inimigo.” *O Sertanejo*, 303.

Animal lendário, fantástico e monstruoso. Símbolo do Mal, antítese do Bem, e do Diabo, rei dos Infernos. Zoológicamente, é um lagarto da família dos Agamídeos (*Draco volans* Lin.), que vive nas ilhas asiáticas do Pacífico. É o nome de uma Constelação do Hemisfério Boreal.

ÉGUA — “Os cavalos em bando e os magotes de éguas, soltos pela várzea, nitriam alegremente ao avistar a comitiva, e a seguiam por algum tempo rifando de prazer, enquanto os poldrinhos curveteavam travessos à cola das mães.” *O Sertanejo*, 205.

Do latim *equa*. Fêmea adulta do cavalo, também denominada besta. O espetáculo bucólico retratado por Alencar, no texto, é da melhor exatidão. Temos a ele assistido no sertão, os lotes de cavalos e éguas com os seus poltros, todos bravios e indomáveis, a relincharem em carreiras doidas, com paradas súbitas aqui e ali, numa exi-